

São Cristóvão-SE/Brasil
21 a 23 de setembro de 2011

V Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



ISSN 1982-3657

A PESQUISA E A LEITURA DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Sônia de Souza Mendonça Menezes¹
Universidade Federal de Sergipe
soniamendoncamenezes@gmail.com

Resumo

Este artigo discute a inserção da pesquisa e a leitura das manifestações culturais na educação básica, com o objetivo de ressaltar a importância dessas estratégias na construção de uma atitude cotidiana facilitadora dos processos de aprendizagem e do desenvolvimento nos alunos da autonomia, interpretação da realidade e a construção de conceitos. A organização dessa alternativa pedagógica deu-se na prática de ensino cotidiana e o resultado foi significativo na absorção do conhecimento facilitando a construção de conceitos relacionados ao ensino da Geografia. Essas estratégias resultam de um esforço para suprir as deficiências existentes no processo de ensino aprendizagem e poderão ser aplicadas em diferentes séries da educação básica quer seja no ensino fundamental, médio ou no EJA-Educação de Jovens e Adultos.

Palavras chaves: manifestações culturais, pesquisa, ensino.

Abstract

This article discusses the insertion of research and the reading of the cultural expression in basic education teaching with the aim of giving these strategies importance in the construction of an attitude which facilitates habits of learning processes and the development of student's autonomy, interpretation of reality and the building of concepts. The organization of this pedagogical alternative was applied in everyday teaching and the result was significant for the internalization of knowledge and for making the construction of concepts related to the geography teaching easier. These strategies were a result obtained from the effort to meet the

¹ Profª Drª do Departamento de Geografia da UFS. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alimentos e Manifestações Culturais. Av. Marechal Rondon, S/N – Cidade Universitária. São Cristóvão-SE.

existing needs in the teaching learning process and will be able to be applied in different grades of the basic education in either elementary or high levels or in EJA – Educação de Jovens e Adultos (Adult and Young Learners Education).

Key-words: cultural expression, research, teaching.

Introdução

A educação na contemporaneidade vislumbra novas concepções de mundo e novas interpretações espaciais geográficas. Elas contribuem com os estudos em sala de aula sob diferentes ângulos. E um destes ângulos que tem sido enfatizado no decorrer da década de 1990 e início do século XXI, estão calcados nas abordagens culturais.

O enfoque cultural é cabível e deve ser utilizado metodologicamente em sala de aula na educação básica. Um dos grandes problemas da sociedade atual é saber conviver com as diferentes identidades, respeitar e valorizar as comunidades tradicionais, os grupos de cada etnia, as culturas regionais e os valores dos diferentes povos que habitam o espaço terrestre.

A leitura das manifestações culturais implica em desenvolver nos alunos a identificação do conjunto de elementos transmitidos de geração em geração e constantemente recriados pelas comunidades/grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história. Por conseguinte, essa atividade ainda gera um sentimento de identidade e continuidade e contribuem para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

O presente trabalho surgiu a partir das discussões junto aos alunos durante a prática de ensino em escolas da educação básica da rede estadual de Sergipe e no Colégio de Aplicação - UFS. Tais experiências evidenciam a nossa preocupação, enquanto professor de Geografia, em visualizar possibilidades de trabalhar o ensino da Geografia a partir de atividades como a pesquisa e sua relação com a cultura nas diferentes escalas geográficas do local ao global.

O nosso propósito nessa prática pedagógica consiste em agrupar às discussões sobre a cultura nas diversas escalas às transformações observadas ou que podem ser visualizadas pelos alunos no contexto diário, a partir da sua vivência independente do lugar. Para tanto, buscamos aliar ao estudo dos vários conteúdos geográficos, uma leitura das manifestações culturais. Desse modo, procuramos focar uma abordagem dos determinados conceitos e conteúdos geográficos trabalhados na educação básica, tendo por base a pesquisa relacionada

às manifestações culturais com o objetivo de desenvolver a capacidade reflexiva, crítica e criativa na formação do aluno e incentivar a leitura do espaço geográfico.

Os resultados da referida prática foram satisfatórios no processo ensino-aprendizagem, de Geografia, por resultar em uma construção coletiva, que parte da realidade, para a abstração dos conceitos a serem trabalhados. Como procedimento metodológico utilizou a pesquisa ensino, aliando teoria e prática. Este exercício expressa de acordo com Kaercher (2009) um exemplo da Geografia do custo zero (gcz), a qual corresponde a práticas de sala de aula, destinadas a alunos de quaisquer séries, que utilizam recursos simples e surtem efeitos significativos. Para o autor essas práticas recebem tal denominação por que:

[...] não implicam em gastos extras nem tampouco recursos tecnológicos (nada contra eles, mas no geral não estão muito disponíveis nas escolas públicas do meu estado, da minha cidade). Uma simples folha xerocada e já temos, muitas vezes, matéria-prima para belas discussões e produções. O diferencial não é o computador, é dar o 'clique' na turma (KAERCHER, 2009, p. 10).

O presente artigo encontra-se estruturado em duas partes, inicialmente faremos uma breve contextualização sobre o ensino de Geografia e em seguida apresentaremos as alternativas práticas de pesquisa executadas na educação básica.

1 - A prática de ensino da Geografia

O ensino de Geografia que é ministrado atualmente na rede escolar do ensino fundamental e médio do país não atende satisfatoriamente aos interesses dos alunos, nem tão pouco dos professores. Essa realidade é fruto de um processo histórico que está relacionado às condições que são oferecidas ao sistema educacional no Brasil, principalmente no que tange à precariedade da escola, que reflete na formação do profissional em educação e nas condições de trabalho oferecidas.

Apesar dos consideráveis avanços da Geografia, a prática de ensino na educação básica tem apresentado dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, necessitando de reflexão e investimentos que visem à sua melhoria, a exemplo da formação continuada dos profissionais da área de ensino, e, mais especificamente, dos que trabalham com a Geografia (CALLAI, 2003; KAERCHER, 2002).

Na compreensão de Kaercher (2004, p.41), “há ainda um predomínio da Geografia mnemônica, meramente informativa na sua versão empobrecida. Um somatório de informações, sem uma teoria geral que ligue os fatos discutidos entre si e, salvo exceções,

sem ligação dos assuntos vistos com a vida dos alunos”. Por conseguinte, a qualidade do ensino em geral e, em particular, o de Geografia, apresenta-se por vezes conteúdos descontextualizados da realidade vivenciada pelos alunos. Logo, a Geografia que é ensinada e aprendida nas escolas não leva o aluno, nem o professor a motivarem-se, uma vez que os conteúdos trabalhados estão distantes das necessidades e interesses que lhes são inerentes.

Todavia, o momento atual é considerado como uma transição entre a crise do momento anterior e a incerteza do momento presente. Para transformarmos a crise, procuramos criar condições para que sejam efetivadas alternativas práticas e resultem no sucesso do processo de ensino aprendizagem.

Apresentamos nesse artigo as discussões sobre a pesquisa e os processos de investigação nos cursos de formação docente, assim como na prática pedagógica na educação básica.

Essa temática tem sido abordada em diversas instâncias como nas DCN Diretrizes Curriculares Nacionais ao enfatizar a necessidade da inserção nos cursos de licenciatura em nível superior e graduação plena os seguintes norteadores: a competência como concepção nuclear na orientação do curso, a coerência entre a formação e exercício profissional e a pesquisa como elemento norteador na formação docente.

Observamos que numerosos profissionais, atuantes no exercício da profissão não foram preparados durante o seu curso no que se refere à elaboração e organização de pesquisa. Tal fato nos induz a ressaltar a importância e a necessidade dos cursos de atualização ou de formação continuada dos professores como um investimento público, exemplo de um caminho a trilhar na direção da melhoria do processo de ensino aprendizagem nesse caso da geografia.

Nessa direção, Pontuschka (2009, p.95) ressalta a importância da pesquisa na formação dos professores, assim como na “construção de uma atitude cotidiana de compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e de busca de autonomia na interpretação da realidade”. Logo, a perspectiva de trabalhar de forma investigativa significa ultrapassar a visão tradicional do repasse dos conteúdos prontos e acabados em favor da construção e apropriação de conceitos geográficos.

Entretanto, ainda persiste por parte de educadores na academia, em órgãos públicos e de colegas professores a defesa da não efetivação da pesquisa pelos professores da educação básica. Tal fato está atrelado à idéia do professor como um mero reproduzidor de conhecimentos-conteúdos e contradiz com a prática pedagógica do educador que demanda

reflexão, crítica, constante criação e metodologias alternativas no ensino. Essa prática demonstra ou pressupõe que a sua labuta diária está permeada pela investigação.

Entendemos que a atividade de pesquisa relacionada ao ensino e a leitura das manifestações culturais constituem em exemplos de temáticas que atraem os educados e concomitantemente utiliza recursos simples e geram efeitos significativos. Resgatar a cultura e a memória contribui com a preservação do passado, pois não pode existir lembrança fora da sociedade. A memória só existe na sociedade em que o indivíduo vive, porém a memória mesmo sendo individual, é coletiva, faz parte das vivências sociais. Halbwachs (1990) ressalta que cada indivíduo está mergulhado ao mesmo tempo ou sucessivamente em vários grupos (...) [sendo que] a memória coletiva não ultrapassa os limites do grupo e completa que a memória é formada, além de uma temporalidade, por uma espacialidade. Assim, a memória é formada pela cultura e permite descobrir as identidades de uma dada coletividade, de um dado grupo social, o que leva a ter a percepção de identidade, de pertencimento. Portanto, a cultura contribui com a diversidade, pois como aponta Geertz (1989) existem múltiplas culturas na sociedade permeadas pela interpretação de múltiplos atores sociais que referem sentido às culturas. Desse modo, a cultura é entendida como conjuntos de discursos ou textos passíveis de diferentes formas de apropriação e interpretação.

A partir desse quadro de referência, nosso propósito é justamente apresentar e discutir práticas pedagógicas viáveis. Ressaltamos que os resultados obtidos foram representativos no processo de ensino aprendizagem. Longe de sermos extremamente utópicos, acreditamos que é possível a inserção de novas práticas no ensino de geografia para facilitar a construção de conceitos da referida disciplina.

2 - A inserção da pesquisa na educação básica: experiências vivenciadas

Antes de delinear as propostas pedagógicas devemos lembrar uma questão importante. Qual é a concepção de ensino o professor adota. De acordo com Cavalcanti (2005), o caminho mais adequado para desenvolver procedimentos no ensino de Geografia é fazer uma reflexão inicial sobre os objetivos de ensino. Na concepção de Cavalcanti (2005, p. 71) ensino corresponde a um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma interdependente, os objetivos, os conteúdos, os métodos e as formas organizativas do ensino. Nesse processo, os objetivos devem nortear os conteúdos e os métodos. E os procedimentos são as formas operacionais do método de ensino, isto é, são atividades para viabilizar o processo de ensino, tal como ele é concebido teórica e metodologicamente. Dessa maneira, deve haver uma articulação entre os objetivos, os

conteúdos e os métodos (componentes de ensino), inseridos numa proposta de ensino, para que seja efetivado o papel da Geografia, no ensino básico.

Para corroborar com tal pressuposto detalhamos algumas estratégias pedagógicas de pesquisa ensino, que viabilizaram o processo de ensino-aprendizagem da Geografia, vinculadas a leitura das manifestações culturais.

Inicialmente, estabelecemos um clima dialógico nas aulas, inserindo o conteúdo a partir do conhecimento do aluno. O objetivo dessas alternativas consistiu em evitar o “engessamento” das aulas, e possibilitar a atração do aluno ao conteúdo geográfico aliando teoria ;prática, com a inserção da pesquisa por meio da leitura das manifestações culturais em Aracaju específicas das diferentes escalas geográficas. Subjacente ao pressuposto do reconhecimento da diversidade cultural, na essência, procurou através do ensino suscitar a educação como instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao educando analisar o conceito de cultura, focando a importância para a sua vida. Dentre as manifestações culturais ressaltamos o papel do alimento que se adaptou aos costumes de diversas culturas nos diferentes continentes, gerando uma multiplicidade de produtos, constituindo em determinadas áreas uma das representações simbólicas mais autênticas da identidade cultural da população. Identidade essa construída por “singularidades” que permeiam a história do território, sendo reelaboradas pelos diversos grupos em função das tendências sociais e projetos culturais enraizados com a sua estrutura social (CASTELLS, 2000; ALMEIDA, 2005).

I - Vivenciando a cultura asiática em Aracaju:

Tradicionalmente no nosso estado, durante o último ano do ensino médio as aulas de Geografia têm por objetivo contextualizar o espaço geográfico na escala global. Nesse ínterim, as dificuldades apresentadas são inúmeras, sobretudo em relação à distância, ao desconhecimento e a desconexão com o espaço local. Tendo em vista tais dificuldades, buscamos organizar paralelamente as aulas direcionadas ao continente asiático, inserir um projeto de pesquisa direcionado as manifestações culturais na escala local-Aracaju, com o objetivo de motivar os alunos e facilitar a aprendizagem, eliminando as barreiras, assim como desmistificando a relação da distância entre as escalas geográficas na contemporaneidade.

Inicialmente apresentamos a idéia do projeto de pesquisa aos alunos 3º ano do ensino médio, turma A. Após discussões a respeito da temática, ouvimos as sugestões apresentadas pelos alunos, as quais foram acatadas em consonância com os objetivos do projeto. Em seguida, eles organizaram-se em grupos (compostos por cinco ou seis membros), norteados

pelo objetivo geral identificar e analisar a cultura asiática na cidade de Aracaju. Logo após, efetuamos o sorteio dos sub-temas com representantes de cada grupo.

- a) Ásia berço das religiões – religiões asiáticas professadas em Aracaju.
- b) Alimentação de origem asiática em Aracaju- comida chinesa, japonesa, árabe.
- c) Terapias alternativas – *yoga, tai-chi-chuan*, meditação.
- d) Artes marciais de origem oriental – judô, *karate, Kung-fu, Jiu-jitsu*.
- e) Medicina alternativa, complementar ou holística- medicina tradicional chinesa e da medicina ayurvédica, da Índia, com seus sistemas inspirados no taoísmo e no hinduísmo.

Primeira etapa – os alunos iniciaram a pesquisa com a revisão bibliográfica; foram realizadas pesquisas em jornais, revistas, livros e em sites especializados na internet.

Segunda etapa - pesquisa de campo – os alunos identificaram na cidade de Aracaju as temáticas propostas realizando entrevistas com os atores envolvidos.

Aqueles alunos, que relutaram quando da apresentação da pesquisa, à medida que o trabalho estava sendo desenvolvido, observamos o crescimento do interesse por um conteúdo muitas vezes considerado árido pelos alunos que é o estudo da Ásia.

Embora o trabalho tenha sido exaustivo, a dedicação dos alunos e interação entre os membros dos grupos tornou-se mais sólida, assim como a socialização do conhecimento, facilitando a aprendizagem.

Concomitantemente, o professor em sala ministrava suas aulas com aquelas temáticas indicados para a referida série, que passaram a ser discutidos e relacionados aos sub-temas desenvolvidas nas pesquisas dos grupos.

Terceira etapa – após a revisão bibliográfica e a relação com o conteúdo trabalhado, os alunos organizaram um relatório da pesquisa no qual apresentaram os referenciais bem como os resultados da pesquisa de campo.

A culminância do projeto ocorreu durante o JEECA- Jornada Esportiva, educacional, cultural e artística do Colégio de Aplicação, na qual os alunos apresentaram o resultado em forma de exposição.

Na referida exposição eles convidaram profissionais das artes marciais, da medicina alternativa e das terapias alternativas, contando com a presença desses durante parte do evento. Ainda obtiveram junto aos proprietários e gerentes de restaurantes da culinária oriental em Aracaju, pratos típicos para degustação do público, inclusive alguns grupos vestiram-se a caráter atraindo os colegas das demais séries da escola.

Portanto, com essa atividade percebemos o envolvimento dos alunos uma atração pela leitura da cultura global encontrada na escala local, e o envolvimento na sala de aula nas aulas expositivas a respeito da temática Ásia.

II- Organização censitária e árvore genealógica:

Ao trabalhar o conteúdo formação da população brasileira e movimento migratório em turmas do 7º ano, observamos a partir da sondagem que esta característica permeava a vida dos alunos e suas famílias. Nesse contexto, aproveitamos para inserir como estratégia uma pesquisa denominada de organização censitária dos alunos do sétimo ano.

Primeira etapa – cada aluno pesquisava com os seus pais, avós e demais parentes próximos a naturalidade deles, os motivos do movimento migratório, as etapas da migração e as lembranças de cada lugar que viveu em termos de festas, alimentos e trabalho.

Segunda etapa – após a efetivação da pesquisa com os membros familiares, elaboramos juntamente com os educandos o fluxo migratório das famílias em uma tabela. Em seguida trabalhamos as informações em um mapa.

Terceira etapa – organizaram o relatório no qual apresentavam os fluxos migratórios e as referências culturais observadas pelos membros da família. Nesse ínterim, aproveitamos o entusiasmo dos alunos e inserimos a elaboração da árvore genealógica da família. Percebemos o predomínio da migração campo-cidade, em menor intensidade das migrações intra-regional e com maior intensidade as migrações inter-regionais.

A história do movimento migratório das famílias foi contada pelos alunos e no momento da apresentação, observamos o orgulho, embora reconhecessem o desconhecimento das mesmas antes da realização da pesquisa. Enfatizavam os detalhes da cultura dos lugares ressaltada pelos membros familiares, os quais tinham passado antes da chegada em Aracaju. Apresentavam as diferenças na alimentação e os tipos de festas vivenciados pelos seus parentes nos diferentes espaços geográficos. Esse conhecimento posteriormente foi aproveitado nas discussões sobre as atividades econômicas.

Percebemos que o processo de pesquisa incitou e reforçou a auto-estima dos alunos e à valorização da cultura brasileira, tão múltipla e plural. Provocar na educação estratégias didático-pedagógicas envolvendo as manifestações culturais e seus respectivos produtos despertam nos alunos o interesse em conhecer e reconhecer os significados para sua vida pessoal e coletiva. Essas alternativas práticas constituem exemplos de possibilidades e de caminhos para a consolidação e construção de uma educação participativa e comprometida com a cidadania.

Durante o desenvolvimento e conclusão dessa estratégia observamos que os objetivos foram alcançados. Além disso, foi uma oportunidade de refletir sobre várias questões, como a importância da unidade familiar, a memória familiar, a mobilidade populacional e seus impactos, a dimensão cultural quer seja na alimentação, nas festas típicas e em termos de economia, a diversidade de atividades características dos lugares.

III - O alimento como manifestação cultural e identidade de um território – essa atividade resulta de uma experiência desenvolvida com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), e no Ensino Fundamental regular.

Os alunos desse segmento de ensino EJA apresentam um perfil extremamente variado. Os obstáculos para se trabalhar com eles são os mais variados possíveis, um dos maiores diz respeito à alfabetização. São alunos que têm riquíssimas experiências de vida, porém não possuem ainda o domínio da linguagem escrita e da leitura do espaço geográfico. Uma das temáticas do primeiro semestre envolvia a discussão sobre os conceitos básicos da Geografia: paisagem, território, lugar, região e escala.

Na identificação da origem dos alunos, observamos a diversidade de lugares de origem dos mesmos. Para trabalhar com os conceitos geográficos iniciamos com a descrição da sua região de origem. Os alunos deveriam descrever a sua região, o seu lugar de origem e a paisagem que caracterizava a região e o lugar. Insistimos que, durante a narração a respeito do lugar, eles apresentassem as características culturais como às festas típicas, música e a alimentação na sua infância. Para trabalhar com conceitos como escala, solicitei aos alunos que apresentassem o cardápio atual utilizado por sua família. O objetivo foi comparar o tipo de alimentação no decorrer do tempo, as alterações no cardápio, a exemplo da inserção dos produtos industrializados elaborados nas diferentes escalas geográficas.

Por fim, discutimos o conceito de território ressaltando as diferentes versões dessa categoria, relacionados às relações de poder, à cultura e à economia, partindo dos exemplos apresentados pelos alunos.

Primeira etapa – descrição da região, da paisagem e do lugar. Focamos a partir do saber deles, os conceitos inserindo o vocabulário geográfico. Em seguida, apresentaram as manifestações culturais do lugar, as festas tradicionais, as festas reinventadas e aquelas inventadas na contemporaneidade.

Depois elaboraram o cardápio usual no lugar de origem. Sugerimos que os alunos apresentassem as três refeições, alimentos relacionados a datas ou festividades, inclusive por

solicitação dos mesmos. Ficou combinado que esse trabalho estaria relacionado a um momento de sua vida, poderia ser na infância, adolescência e ou na fase adulta.

Segunda etapa – organização do cardápio diário utilizado no momento atual, que culminou com a discussão do conceito de escala a partir da diversidade de alimentos consumidos não produzidos no local.

Terceira etapa – apresentação oral e seguindo a sugestão dos mesmos foram apresentadas amostras dos alimentos consumidos no passado e no presente.

Durante a apresentação foram feitas reflexões sobre as alterações no modo de vida dos alunos, assim como na alimentação, nas práticas urbanas e a inserção de novos produtos todos eles industrializados apoiados pelo *marketing*, pela propaganda e muitas vezes por profissionais da área da saúde. Analisamos as atividades econômicas predominantes em determinadas regiões a partir do referido cardápio alimentar. Resgatamos a importância da alimentação como uma manifestação cultural que está arraigada na identidade dos sergipanos, nordestinos e da população nas diferentes escalas geográficas.

Os resultados foram significativos, percebemos o envolvimento dos alunos com a atividade e tiveram a oportunidade de vivenciar conteúdos e construir na prática os conceitos. Constatamos que essa estratégia contribuiu no resgate de experiências, conhecimento sobre os lugares e a geografia dos lugares. Percebemos o regozijo ao falar da sua vivência, do orgulho do seu saber e de um passado vivido e pouco relatado e valorizado, assim como, eles perceberam a Geografia presente em suas vidas.

Considerações gerais

Ousar no processo de ensino aprendizagem com pesquisas resultará na construção de conceitos e significados no exercício da leitura do espaço geográfico. De modo particular, a sistemática de trabalho no ensino de Geografia deve contemplar múltiplas ações, sobretudo, atividades práticas, como dinâmicas de grupo, atividades cartográficas, aula de campo, pesquisas entre outras, numa perspectiva que priorize “[...] um ensino dinâmico, atual, criativo e instigante para que nossos alunos percebam a Geografia como um conhecimento útil e presente na vida de todos” (KAERCHER, 2002, p. 230).

É preferível um posicionamento em que o mais importante seja ter sempre a preocupação de se considerar o nível de compreensão do aluno, ouvindo-o para “colher o seu repertório”, enquanto ponto de partida para a reflexão de suas próprias experiências e de outras situações reais.

Não se trata de aplicar modelos pré-estabelecidos, mas refletir sobre a prática pedagógica existente e elaborar estratégias pedagógicas para que os profissionais experimentem novas metodologias de ensino, que venham ao encontro das necessidades concretas dos alunos. Para tanto, torna-se indispensável à participação ativa do aluno, utilizando as diferentes linguagens disponíveis, as quais devem ser empregadas no sentido de levá-los a se perceberem como elementos de um todo.

Faz-se necessário ao responsável atitudes adequadas de trabalho, bem como o desenvolvimento de outros recursos cognitivos e afetivos que levem os alunos a se conhecer e se expressar como indivíduos e como seres atuantes na realidade em que vivem. No contexto escolar percebemos que focar os conceitos geográficos aliados a leitura das manifestações culturais, possibilita a atração dos alunos às demais temáticas discutidas na geografia. Conforme enfatiza Claval (1995), é pela cultura ou por meio de atributos culturais que as populações fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular, além de se enraizarem no território. Conhecer esses atributos culturais no lugar é construir junto aos educandos uma leitura associada à economia, aos aspectos físicos e humanos. Estudar a cultura significa descortinar o sentido das manifestações para a vida de homens e mulheres, identificando as relações entre eles, o espaço e os seus desdobramentos com o surgimento de outras atividades; é “interpretar o valor social a elas agregadas” (ALMEIDA, 2005, p.323).

Desse modo, essas alternativas práticas resultam em uma aprendizagem significativa que relacione os conhecimentos que o aluno traz consigo aos conhecimentos que a escola/ciência acumulou ao longo de sua história.

Para Pontuschka (2001, p. 112), mesmo diante dos obstáculos existentes, há que se pensar em um ensino que forme o aluno do ponto de vista reflexivo, flexível, crítico e criativo. Não é uma formação para o mercado de trabalho apenas, mas um jovem preparado para enfrentar as transformações cada vez mais céleres que certamente virão. Para Pontuschka et al (2009, p. 97) “além de dominar conteúdos, é importante que o professor desenvolva a capacidade de utilizá-los como instrumentos para desvendar e compreender a realidade do mundo, dando sentido e significado à aprendizagem”.

Nesse sentido, é imprescindível trazermos a Geografia para o cotidiano do aluno, de uma forma instigante e provocadora de perguntas e espantos. Para Kaercher (2004, p. 56) “espantar os alunos ‘eu não havia pensado nisso, professor!’, gerar inconformidade com as explicações excessivamente generalistas pode ser um belo e permanente desafio a nós

educadores”. Assim sendo, os fenômenos sociais, culturais, políticos ou naturais devem ser contextualizados em relação ao lugar ou espaço no qual o aluno está inserido.

Consideramos a escola o lugar privilegiado onde ocorre o ensino-aprendizagem de forma sistematizada. Assim, o ensino da Geografia deve contribuir para uma leitura de mundo, como também propiciar a análise crítica da sociedade em que vivemos. Como evidencia Callai (2003, p. 60) a “educação geográfica não é para a escola, ou para os professores, mas é com certeza para que cada um se entenda como sujeito da sua história ao viver a sua vida e produzir o seu espaço”.

Diante dos obstáculos, cabe ao professor repensar os conteúdos e trabalhá-los, de forma que os alunos se interessem da realidade em que vivem, estimulando, a reflexão e criatividade. Com esse trabalho, pretendemos contribuir para a reflexão acerca de práticas pedagógicas que facilitem aprendizagens significativas, sem necessariamente envolver altos custos e recursos tecnológicos avançados, nem sempre acessíveis às escolas.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. *Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural*. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos [et al.] (Org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 2003. p. 57-66.

CASTELLS. Manuel. *O Poder da Identidade*. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. Vol.II. 2ª Edição. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Alternativa, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice. 1990.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia (Org.) *Geografia em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 221-231.

_____. A geografia é o nosso dia a dia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; et.al. (Orgs.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 4ª. ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 2003. p.13-25

_____. *Desafios e utopias no ensino de geografia*. Santa Cruz do Sul. Edunisc. 2003. 150p.

_____. Quando a Geografia crítica pode ser um pastel de vento. *Mercator*, v. 3, n. 6, 2004. UFC, Fortaleza.

_____. Ser docente, ser discente: modelos e identidades. Conhece e revela-te estudando a

cidade. In: ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12, 2009, Montevideo, *Anais...* Montevideo: Universidad de la República, 2009. Disponível em: <
<http://egal2009.easyplanners.info>>

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, Ana F. (Org.). *Novos rumos da geografia*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 111-142.

_____ et al . Para ensinar e aprender Geografia. 3ª Ed. São Paulo: Cortez. 2009, p. 89-104.